Memória de elefante: a biografia do Santuário de Elefantes Brasil e as memórias de pessoas não humanas

Elephant's memory: Brazilian Elephants' Sanctuary biography and non-human memories

Ana Cecília Oliveira Campos

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/10459>

DOI: 10.4000/pontourbe.10459

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Ana Cecília Oliveira Campos, «Memória de elefante: a biografia do Santuário de Elefantes Brasil e as memórias de pessoas não humanas», *Ponto Urbe* [Online], 28 | 2021, posto online no dia 27 julho 2021, consultado o 31 julho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/10459> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10459>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2021.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Memória de elefante: a biografia do Santuário de Elefantes Brasil e as memórias de pessoas não humanas

Elephant's memory: Brazilian Elephants' Sanctuary biography and non-human memories

Ana Cecília Oliveira Campos

NOTA DO AUTOR

Versão original recebida em / Original Version 27/04/2020

Aceitação / Accepted 07/03/2021

Memória de elefante¹

- ¹ Uma discussão já conhecida na antropologia experimental usar biografia e memória como ferramentas para o fazer antropológico. Suely Kofes, no capítulo que abre uma instigante coletânea intitulada “Vida e grafias”, discute o lugar da biografia na antropologia, dentre os aspectos, a maneira que a biografia parece tencionar os pressupostos antropológicos (Kofes 2015). Se o próprio uso da biografia é capaz de tencionar pressupostos antropológicos, o que acontece quando no centro dessas biografias estão seres que não são humanos?
- ² Kofes destaca que nas discussões acerca de biografia a referência etimológica à vida, que em “um malabarismo semântico terminou por conotar o termo vida com o significado de indivíduo” (Kofes 2015:20). O que proponho aqui é um movimento deliberadamente experimental, na intenção de aproximar discussões a respeito de grafias da vida com aquelas interessadas em seres cujas memórias e experiências são enfaticamente marcadas. O objetivo desse artigo é pensar o modo que uma instituição,

o Santuário de Elefantes Brasil (SEB), compõe e narra a sua autobiografia a partir da biografia de elefantes e de suas memórias de sofrimento.

- 3 Há uma certa intencionalidade na maneira que biografias são escritas, seja em seu intuito de criar admiração ou aversão, lembra Kofes. A autora afirma que “as biografias podem ser dispositivos para criar pessoas, personalidades, santos, heróis e fracassados ou, ainda, incorporar ideias e valores” (Kofes, 2015: 3). Cabe aqui pensar como as narrativas sobre elefantes são articuladas à noção de resgate de elefantes em risco; bem como descrever o modo que as biografias de elefantes são evidenciadas pelo Santuário de modo a marcar a origem e o trabalho da própria instituição.
- 4 Mais que descrever as biografias em si, interessa dar “atenção aos contextos de relações”, como propõe Kofes - relações essas que, nesse caso, envolvem elefantes, o SEB e possíveis doadores. Tais considerações se apoiam em duas linhas de discussão na antropologia: substancialmente, em discussões que abarcam agência de não humanos (sejam animais ou as próprias narrativas veiculadas pelos meios de comunicação do SEB) e, por outro lado, em considerações a respeito do lugar da biografia na antropologia.
- 5 Esse artigo apresenta dados decorrentes de uma pesquisa documental² sobre o Santuário de Elefantes Brasil, o único santuário para elefantes na América do Sul³. Em seus próprios termos, a missão é “proteger, resgatar e prover um santuário de ambiente natural para os elefantes em cativeiro”⁴. O projeto inaugurado em 2016 já abrigou cinco elefantas⁵ asiáticas cuja história de vida é enfatizada nos meios de comunicação do Santuário. Uma vez que o espaço não é aberto à visitação, toda a divulgação das atividades do Santuário se dá a partir de sua exposição em seu site, em outras plataformas, em sites de relacionamento⁶ e em sites de financiamento coletivo⁷. A intenção é pensar como o SEB intenciona mostrar-se ao público potencialmente doador em suas companhas, quais noções são articuladas e qual o lugar das histórias de vida e das memórias dos elefantes nessas narrativas.
- 6 Nesse sentido, a discussão inicia-se com uma breve revisão da temática interespecífica na antropologia, bem como apresenta algumas abordagens mais especificamente voltadas a elefantes. Em seguida, o argumento desloca-se para um olhar para a bibliografia institucional que o Santuário constrói e como o fazem argumentando sobre situações de risco, inadequações e sofrimento nas quais vivem os elefantes na América do Sul; bem como o modo que o espaço do Santuário é colocado enquanto um espaço de natureza, em oposição à noção de cativeiro. São destacadas, então, as *expertises* que o SEB indica serem indispensáveis para prover um espaço saudável aos elefantes, tanto do ponto de vista de suas necessidades físicas, mas especialmente conhecimentos associados a seus comportamentos naturais, psicologia e histórias individuais. Compõem com esses aspectos outro elemento, as campanhas de arrecadação; para além de compartilharem da biografia do santuário e das elefantas, essas campanhas convidam o público potencialmente doador a fazer parte da manada. Por fim, a discussão se dirige à maneira que no luto, enquanto experiência compartilhada entre elefantes e humanos, o SEB solidifica quais as noções de natureza que são caras à sua atuação. A última sessão retoma de maneira breve alguns dos argumentos apresentados.

Animais não humanos na antropologia

- 7 A relação entre humanos e outras espécies ocupou lugar importante em produções clássicas na antropologia. É o caso da descrição de Edward Evans-Prichard (2007), por exemplo, em sua etnografia que aborda a relação entre os Nuer e o gado. Também Clifford Geertz (2008) observou a obsessão de homens por seus galos em Bali. Claude Lévi-Strauss (1970) argumentou contra a perspectiva então vigente de que a nomeação e a caracterização de animais em povos então ditos primitivos, estava associada à sua utilidade. Para isso o autor revisa a produção etnográfica sobre uma grande quantidade de povos cujas habilidades de identificar e caracterizar espécies da fauna e da flora aparecem como uma ânsia de conhecimento não utilitarista (Levi-Strauss 1970). Seguindo essa perspectiva, em uma análise da sociedade norte-americana em sua relação com bois, porcos, cavalos e cachorro, Marshall Sahlins (2003) considera relações de comestibilidade e não comestibilidade. Assim, explicita o estatuto de sujeito dos cavalos e a ainda maior proximidade entre humanos e cães; por outro lado, bois e porcos estão associados à condição de objetos. Embora esses trabalhos não estejam diretamente ligados à abordagem proposta nesse artigo, essa menção a produções renomadas busca evidenciar a importância do debate clássico que estimulou a produção contemporânea sobre a relação entre humanos e não humanos.
- 8 Em 1999, Mullin Molly (1999) publicou uma revisão da questão. Por sua vez, Kirkey e Helmreich (2010) descrevem como um conjunto recente de etnografias ressaltam as associações multiespecíficas. Com diferentes abordagens, os trabalhos de Latour (1994, 2011, 2014), Ingold (1995) Haraway (2003) Kohn (2013), Stengers (2002), Strathern (2014) suspeitam da noção de natureza como um dado. No contexto desse artigo, tal discussão aponta para a relevância a suspeição a dicotomia natureza/cultura. Em outras palavras, a ideia suposta de natureza, comumente atribuída a não humanos de forma quase automática, passa a ser pensada a partir da maneira como é produzida. Strathern (2014) duvida da extensão simplista da ideia de natureza, considera ser a noção muito própria de ocidentais. As abordagens de Strathern (2014) e Latour (2014) conferem à noção de natural um caráter não inato. Já Ingold (1994) questiona a singularidade e superioridade dos humanos em detrimento de outras espécies, e destaca que atributos de personalidade não se restringem ao *homo sapiens*. O que instiga pensar sobre quais as práticas do SEB reificam e quais se opõem a esses binarismos e assimetrias.
- 9 De outro ponto de vista, com destaque em experiências e afetos, Haraway (2003) trata de mundos compartilhados nas relações e encontros entre humanos e outras espécies. As considerações de Haraway (2003) fomentam o interesse em comparar como se constroem esses mundos compartilhados entre elefantes e cientistas no Brasil. Rosemary-Claire Gillespie e Kathryn Collard (2015), por sua vez, pensam como opressões a diversas espécies tendem também a estar ligadas a opressões a humanos, como também a grandes questões como gênero, raça e classe. Esse aspecto, das opressões compartilhadas, enfatiza a importância de que a prática científica não seja pensada como alheia às questões políticas e sociais entre as quais atua.
- 10 No Brasil, não humanos, como os ratos descritos por Marras (2014), adquirem maior centralidade nas etnografias focadas nas ciências biológicas dentro e fora de laboratórios. Sá (2012), por exemplo, descreve a produção científica na primatologia como pautada em rígidos protocolos de observação, averiguação e comprovação de dados. O autor destaca outras percepções de primatas e humanos cientistas, as não

mediadas pela ciência, que apontam para intersubjetividades nas experiências cotidianamente vividas pelos primatólogos com seus interlocutores. Por sua vez, Creado e colaboradores (2015; 2017) destacam, para além de técnicas de manejo em laboratório e campo, controvérsias de cientistas em torno de habilidades de comunicação de tartarugas marinhas e do modo como o tema coloca em questão a possibilidade de relação de afeto entre humanos e espécies consideradas menos detentoras de atributos de pessoalidade.

- 11 Nos últimos anos uma série de publicações temáticas ajuntaram produções que têm a relação entre humanos e não humanos como central. O dossiê organizado por Vernal e colaboradoras (2015), por exemplo, aborda pesquisas com temáticas como ecofeminismo, direitos, políticas públicas para não humanos. Já Daniela Sales e colaboradores (2016) reúnem pesquisas que pensam desdobramentos teóricos e metodológicos da discussão das relações entre humanos e não humanos. Acrescenta-se a essa discussão a abordagem de pesquisadores que descrevem especificamente a relação entre pessoas e elefantes em zoológico. Entre os temas abordados estão a interação de visitantes (Kreger & Mench 1995) como diferentes grupos de visitantes acionam distintas maneiras de perceber a presença de elefantes em zoológicos (Gurusamy 2015; Woods 2002); e como a interação com elefantes pode tornar pessoas mais suscetíveis a aderir a petições e projetos de conservação (Swanagan in Davey 2015). Com outra abordagem, o trabalho etnográfico de Nicolas Lainé adota noções como de colaboração e trabalho interespecífico para pensar a relação entre elefantes e os Khamti no nordeste da Índia. Suas descrições, desde a captura de elefante até seu trabalho em operações associadas ao deslocamento de madeira entre os Khamti, abordam como vínculos entre os elefantes e os Khamti se formam e consolidam (Lainé 2020). O autor indica também que o modelo de conservação alimentado por movimentos ambientalistas internacionais, diferente de abordagens de seus interlocutores, tende a apoiar-se em uma divisão entre natureza e sociedade (Lainé 2018).
- 12 Em outras pesquisas ainda, elefantes entram em uma chave comparativa. Nesse sentido, são aproximados a cetáceos e primatas não humanos em características como reação à injustiça e desigualdade (Brosnan 2006; Gamble 2015). São mencionados em argumentos em torno do cérebro humano (Deacon 1997), em comparações sobre suas habilidades de memória, quantificação e ajuda a outros indivíduos da espécie (Maust-Mohl et al, 2012; Biyena 2014); bem como em pesquisas voltadas à etologia que abordam, por exemplo, seus comportamentos diante de situações de luto (GOLDENBER, WITTEMYER, 2020). São também pensados a partir de observações que dizem respeito à comunicação entre humanos e elefantes (Kulick 2017), como na maneira que elefantes distinguem diferentes tratadores e lhes respondem de maneiras distintas (Hosey 2018). Diferente desses autores, não é central nesta pesquisa pensar na questão específica de elefantes e suas habilidades ou sua etologia em si, mas na maneira que a noção de comportamento natural incide sobre a relação entre elefantes e cientistas, permeadas por memórias e histórias de vida de elefantes.
- 13 A relação afetiva entre biólogos e elefantes remete a uma literatura específica sobre elefantes que os aborda na chave das relações entre humanos e animais não humanos. Nance Susan (2015) descreve o que chama de “modernidade animal” e a destruição da autonomia de espécimes entre animais em cativeiro. As considerações de Susan (2015) instigam pensar como são descritos os distintos aspectos do comportamento de

elefantes se comparados àqueles que já viveram em cativeiro e os que sempre habitaram o Santuário, o que em última medida coloca em questão a própria noção de cativeiro. Locke (2017) reflete sobre a inclusão da agência de elefantes como metodologicamente relevante em sua pesquisa, o que inspira esta pesquisa a também considerar a agência de elefantes no contexto da Santuário de Elefantes Brasil. Entre pesquisas conduzidas desde o Brasil, a temática esteve no cerne de abordagens sobre elefantes africanos enquanto espécies emblemáticas para o ambientalismo. Eliana Creado observa comparativamente como elefantes aparecem nas arenas decisórias na África do Sul e em Moçambique, evidenciando distinções na maneira que ambientalismo é colocado em redes tanto nas abordagens sobre parques transfronteiriços quanto nas tentativas governamentais e científicas para lidar com conflitos entre humanos e elefantes (Creado inédito)⁸. Já Clara Crizio parte da produção bibliográfica de um grupo de cientistas voltados à pesquisa sobre elefantes, para pensar o modo que seus conhecimentos ocupam arenas de decisão e conflitos no Sul da África (Crizio 2013). Essa revisão denota que se trata de um tema pertinente no contexto da antropologia brasileira e mundial, explicita também uma lacuna em produções que associem à essa abordagem o interesse na biografia de não humanos.

A autobiografia do santuário

- 14 Entre não humanos, espécies outras que humanas não são as únicas a fornecer reflexões profícuas sobre sua agência em narrativas. Magda Ribeiro (2013) atenta para a maneira com que marcas podem ser entendidas como “dotadas de uma historicidade única [...] apreendidas enquanto ‘outros’ sociais dotados de agência e sensibilidade” (Ribeiro 2013:36). De maneira similar, cada instituição também é dotada de uma historicidade única. No caso do Santuário de Elefantes Brasil, suas narrativas sobre sua própria história evidencia o esforço de justificar sua existência em um contexto em que elefantes estão em risco. Ribeiro atenta para como “entidades não humanas adquirem significado e tornam-se, a partir de então, agentes nos espaços onde circulam.” (Ribeiro 2013:342).
- 15 Embora a reflexão de Ribeiro esteja bastante centrada na agência dos objetos na invenção da brasilidade, ela traz uma contribuição para pensar como outros não humanos tornam-se agentes nos espaços onde circulam. No argumento de Ribeiro, as sandálias não só são dotadas de brasilidade, são agentes no processo de invenção de tal característica. No caso dos elefantes, suas biografias como contadas pelo SEB, não só reiteram a necessidade de existência do SEB, elas compõem o que se considera ser o resgate de elefantes no Brasil. Assim essas biografias, como diria Ribeiro sobre a agência de não humanos, são usadas para explicitar como elefantes “não compartilham apenas nosso mundo, [...] compartilham também nossa humanidade” (Ribeiro, 2013:365)
- 16 Desde o último século houve um notável crescimento do ambientalismo pelo mundo (Viglio 2013). O desenvolvimento dessas iniciativas é simultâneo a pesquisas que ressaltam a potência destrutiva das ações humanas em uma era geológica que ficou conhecida como antropoceno (Haraway 2016). Se o que o ocidente concebe como natureza já foi considerado inesgotável, pesquisas atuais têm apontado para sua finitude (Viglio 2013). Associado a esse processo desenvolveram-se projetos dedicados tanto à conservação ambiental quanto ao bem-estar animal, que costumeiramente

carregam uma espécie como bandeira (Clucas et al 2013). Uma dessas iniciativas é o Santuário de Elefantes Brasil.

- 17 Inaugurado em 2016⁹, o Santuário possui uma área de 1.100 hectares e capacidade para receber até 50 elefantes, o que até o momento se restringiu a fêmeas da espécie *Elephas maximus* (elefantes asiáticos). O Santuário está localizado no distrito de Rio Casca (MT), foi uma antiga fazenda de gado que dista cerca de 60 km do município de Chapada dos Guimarães e 68km de Cuiabá (Santuário de Elefantes Brasil 2016^a: 1). Sua página de apresentação é bem objetiva em resumir duas das características que são enfatizadas, a positividade do Santuário em comparação aos anos de cativeiro e a potência daquele espaço em curar:

Somos uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, **que resgata elefantes cativos em situação de risco** e oferece a eles o espaço, as condições e os cuidados necessários para que possam se recuperar física e emocionalmente dos anos passados em cativeiro (Santuário de Elefantes Brasil s.d1)

- 18 A maneira que desenvolvem a narrativa de sua origem inicia-se antes mesmo do surgimento do Santuário, mas associado a uma organização global que desenvolve projetos de pesquisa, conservação e divulgação científica a respeito de elefantes – a Elephants Voices. Desde 2010 a Elephant Voices acompanha cerca de 30 elefantes que vivem em cativeiro na América do Sul. A justificativa associa uma *expertise* de pesquisadores e parceiros do Santuário que se colocam como porta-voz de necessidades de elefantes em sofrimento. Acompanham tais justificativas imagens de elefantes em espaços considerados inadequados¹⁰. O tipo de *expertise* acionada para lidar com elefantes remete à discussão de Nance Susan sobre modernidade animal (2015). Para o SEB é relevante que elefantes tenham autonomia de definir em qual área do santuário querem estar em cada momento do dia, quando desejam banhar-se e com quais outros elefantes desejam relacionar-se. Em sua narrativa, é a *expertise* do SEB que permite identificar esse tipo de preferência em cada uma das elefantas e garantir a elas uma melhoria em sua saúde física e emocional. Permitir a autonomia, portanto, passa pela identificação de minúcias das preferências individuais das elefantas e do conhecimento de suas histórias e traumas regressos.

- 19 Na argumentação do Santuário de Elefantes Brasil, a necessidade de sua existência dá-se pela presença dos elefantes na América do Sul e pela inviabilidade de seu retorno aos continentes em que são espécies nativas. O trecho de um texto publicado no site do Governo do Estado do Mato Grosso e repostado pelo SEB explicita bem esse teor:

“há cinco mil elefantes em situação de risco no mundo, 50 deles estão na América do Sul. Estes animais não têm condições de serem soltos na natureza, nem retornar para o país de origem, por isso a necessidade da criação de um santuário.” (Governo do Estado do Mato Grosso 2016)

- 20 .

Imagens 1. Elefanta Lady em espaço considerado inadequado, uma pequena área cercada por fios elétricos.

Fonte: Site SEB¹¹.

- 21 Além de uma alternativa para os elefantes da América do Sul, apresenta-se também como a única viável: diferente dos zoológicos, o contato com o público é inexistente no Santuário e o espaço para deslocamento é consideravelmente maior. A pergunta central que o Santuário constrói a partir de sua narrativa é: o que fazer com os elefantes que já estão na América do Sul? O Santuário surge como a única boa opção. O contexto no qual se apoiam algumas dessas considerações é a proibição do uso de elefantes em circo em alguns países da América do Sul e em alguns estados brasileiros. A apresentação do Santuário em seu site exemplifica essa argumentação:

Cinco países da América do Sul já aprovaram leis que proíbem o uso de animais em espetáculos, e o Brasil é o próximo da fila, à **espera de uma alternativa que garanta aos elefantes deslocados um futuro seguro, compassivo e saudável**. [...] O Santuário de Elefantes Brasil é essa alternativa, através do desenvolvimento de nosso **grande e bem preservado habitat natural**, rodeado de cuidadores compassivos e com uma abordagem holística da saúde e do bem-estar dos elefantes. O Santuário de Elefantes Brasil vai oferecer a oportunidade de **uma vida na natureza que todos os elefantes cativos merecem**. (Santuário de Elefantes Brasil s.d2)

- 22 Quando afirmam a respeito de seus objetivos, o Santuário enfatiza-o a partir da noção de “natural”. “A vida na natureza”, “saúde e bem-estar”, com esses termos o espaço distancia-se da antiga fazenda de gado e dá lugar a um “bem preservado habitat natural”. Nesse ponto, articula-se um contraste com os espaços em que vivem elefantes em espaços considerados como cativeiros. Além da própria dimensão espacial, suas postagens ressaltam presença de árvores e lagos. Embora os elefantes sejam uma espécie exótica no Brasil e a paisagem de cerrado pouco se aproxime das úmidas florestas asiáticas, a presença de elefantes naquele cenário é argumentada como uma possibilidade de dar a elas uma vida melhor e diferente dos anos de trabalho em circo. O Santuário é, sobretudo, apresentado como um espaço em que elefantes “possam expressar seus comportamentos naturais e se recuperar dos anos de cativeiro” (Santuário de Elefantes Brasil 2016a). Como parte dessa argumentação, além de se contrapor aos anos de trabalho em circo e às condições do cativeiro, o Santuário é também marcado como um lar, um espaço de segurança e tranquilidade.
- 23 Se os espaços do cativeiro são marcados pela solidão, o Santuário caracteriza-se para um local de socializar, uma potência de contato com outros de mesma espécie. Outra diferença marcante diz respeito ao modo que o contato com humanos é caracterizado.

Se na maneira de explicar a vida em cativeiro os humanos aparecem como figuras que corporificam sofrimento e a exploração, os humanos do Santuário oferecem segurança e cuidados. Assim, para além da ausência de contato com o público (de circos e zoológicos) o discurso do Santuário interessa-se também por evidenciar seus próprios especialistas e cuidadores como parte do conjunto que garanta boa qualidade de vida aos elefantes.

O Santuário de Elefantes Brasil irá proporcionar um ambiente nutritivo, grande, onde os elefantes poderão **socializar com outros de sua própria espécie**, migrando e pastando ao longo de centenas de hectares, nadando e se refrescando em lagoas. Podemos oferecer a eles **um lar** onde possam **aprender a confiar em pessoas ao seu redor**, permitindo-lhes uma **sensação de paz** que abra uma oportunidade para curar feridas e cicatrizes emocionais de décadas atrás. (Santuário de Elefantes Brasil s.d2, grifos adicionados)

- 24 As explicações caracterizam a vida de elefantes de cativeiro com termos como “trabalho forçado”, “solidão” e “abuso”. A convivência “intra e inter” específica é posta no Santuário como salutar e promotora de cura e paz. As características de personalidade são um dado no modo de caracterizar os elefantes. Tal aspecto aparece nas noções como família, saúde psíquica e emocional, socialização e sensação de paz. Embora a maneira de comunicar esse sofrimento seja específica, não há dúvidas de que a argumentação do Santuário atribui estatuto de pessoa nessa caracterização intensa de sentimentos:

Infelizmente, a realidade dos elefantes em cativeiro sempre foi horrível. Começando na infância, muitos com apenas dois ou três anos de idade foram **roubados de suas famílias na natureza**, ficando então isolados, sofrendo abusos e, em alguns casos, passando fome e sendo torturados antes de serem embalados em caixas de madeira e enviados através dos mares para passar as próximas décadas viajando com circos ou confinados em recintos de zoológicos, frequentemente, **numa existência solitária**. (Santuário de Elefantes Brasil s.d2, grifos adicionados)

- 25 O trecho continua, dando ênfase aos danos emocionais e físicos e a maneira que eles são identificáveis em alguns comportamentos:

A vida de um elefante escravizado em cativeiro para entretenimento humano causa danos dramáticos a sua saúde física, psicológica e emocional. Frequentemente, esses elefantes desenvolvem comportamentos neuróticos, sacudindo e balançando a cabeça compassadamente, experimentando uma série de padrões repetitivos, com o olhar fixo e hipnótico em algo que não podemos ver, perdidos dentro de si mesmos, fazendo o que eles têm que fazer, a fim de lidar com a vida que lhes foi entregue. (Santuário de Elefantes Brasil s.d2, grifos adicionados)

Imagens 2: Fotos do espaço do SEB.

Fonte: Site SEB¹²

- 26 Ao produzir e divulgar informações sobre os elefantes (suas características, seus hábitos e comportamentos), o SEB justifica sua existência. Os atributos de personalidade de elefantes, suas sensibilidades e o que compartilham com humanos são enfaticamente associados à necessidade de ter um ambiente que promova sua saúde, bem-estar e socialização. O Santuário em si, embora longe das florestas asiáticas, é posto como ambiente natural e adequado para elefantes que se encontram em cativeiro na América do Sul. Uma maneira de articular essas questões está na exposição da biografia das próprias elefantas do Santuário.

Expertises humanas para curar memórias de elefante

- 27 O SEB evidencia-se enquanto detentor de uma *expertise* no que diz respeito aos elefantes. O conhecimento das características comportamentais das espécies é um marco determinante para a maneira com que os elefantes são tratados no Santuário. Um trecho de sua apresentação evidencia isso:

Desenvolver um santuário de elefantes requer amplo conhecimento da vida natural dos elefantes, sobre como eles vivem se deixados sozinhos na natureza, **uma compreensão de suas estruturas sociais, da dieta adequada, dos métodos de comunicação e uma profunda compreensão do significado dos seus comportamentos naturais, suas posturas e vocalizações.** (Santuário de Elefantes Brasil s.d2, grifos adicionados)

- 28 A *expertise* do SEB é também justificada na descrição da atuação das pessoas que compõem sua diretoria: uma publicitária e fotógrafa de vida selvagem, é cofundadora; um especialista em elefantes, que é também presidente do Global Sanctuary for Elephants¹³; uma etóloga e Phd em Comportamento e Comunicação de Elefantes é membro do conselho diretivo; a Diretora de Bem-Estar Animal do SEB trabalhou como tratadora de elefantes no Santuário de Elefantes do Tennessee; um economista, é cofundador e membro do conselho do SEB; uma consultora para organizações ligadas ao bem-estar animal é Diretora Financeira do SEB¹⁴.

- 29 Se por um lado, o Santuário afirma sua *expertise* prévia sobre como cuidar de elefantes enquanto espécie, por outro lado evidenciam também a necessidade de um conhecimento das histórias individuais. Esse mesmo trecho continua, enfatizando que além dos conhecimentos sobre os comportamentos coletivos é também necessário conhecer as características e história de cada um dos elefantes:

Mais importante, temos que compreender a psicologia da cura e o vasto espectro de respostas individuais ao estresse e ao trauma. Alguns podem se recuperar rapidamente, outros podem ter lembranças de sofrimentos passados que podem assombrá-los para o resto de suas vidas. (Santuário de Elefantes Brasil s.d2)

Mais uma vez atributos de personalidade marcam a maneira que o SEB descreve os elefantes, eles não são apenas dotados de um comportamento coletivo identificável pelo estudo etológico, são descritos e tratados a partir de suas histórias de vida individuais. Entre os objetivos do SEB, novamente esse aspecto é marcante “Cuidado positivo e flexível que vise reconhecer, entender e explicar plenamente a história de cada um dos elefantes e suas necessidades individuais.”(Santuário de Elefantes Brasil s.d3). Em outro texto do site é também possível observar como na proposição do SEB as histórias individuais alteram o próprio funcionamento do Santuário:

Todos os aspectos da natureza dos elefantes e o impacto que o cativeiro teve em cada um deles devem ser levados em consideração na escolha das terras, na construção das cercas, no desenvolvimento do protocolo operacional, no projeto das instalações e, principalmente, nos cuidados quando se estiver **trabalhando com cada indivíduo**. (Santuário de Elefantes Brasil s.d2, grifo meu)

- 30 Portanto, uma das características da narrativa do SEB sobre seus próprios trabalhos é essa valorização das histórias individuais de elefantes. Essa valorização de biografia e de memórias implica em cuidados específicos na maneira de lidar com cada um dos elefantes. Dessas biografias, argumento aqui, são evidenciados os aspectos de sofrimento e maus tratos. A história de vida das elefantas como contada pelo santuário tem um início em comum. A de terem sido tiradas de suas famílias na Ásia com dois ou três anos de idade. Os caminhos que elas percorrem depois marcam a necessidade explicitada pelo SEB de que seja conhecida a história de vida individual de cada uma delas.
- 31 Em outubro de 2016, Guida e Maia foram as primeiras elefantas a habitar o SEB. Elas viveram juntas por cerca de 40 anos trabalhando em circos, antes de chegar ao Santuário. A mudança de nomes que acompanhava o trabalho nos circos dificulta a identificação de alguns percursos. No Brasil, depois de passarem pelo Circo Hagenbeck (que veio da Argentina) e pelo Circo Tihany, chegaram ao Circo Portugal. Em junho de 2010, as elefantas se apresentaram pela última vez. Algumas ações judiciais as levaram até o Zoológico de Salvador e posteriormente a uma fazenda em Minas Gerais, onde viveram separadas e acorrentadas por seis anos. Fica evidente nas descrições do SEB uma ênfase no isolamento vivido pelas elefantas.
- 32 Na descrição de suas vidas atualmente consta: “Maia deixou o circo com o rótulo de ‘garota má’ apenas para nos mostrar que ela era qualquer coisa menos isso”, e “Guida rapidamente mostrou na sua chegada ao santuário, que desejava abraçar o mundo ao seu redor. Ela assumiu a liderança, ajudou Maia a trabalhar suas inseguranças e a se alegrarem com suas novas vidas” (Santuário de Elefantes Brasil sd4). As ideias de superação de experiências anteriores estão sempre presentes. No caso de Guida, o Santuário trata também o seu ganho de peso após sua chegada e a hábito de ações repetitivas (comportamento que acompanha níveis altos de estresse em muitas espécies

em cativeiro). O contato com o Santuário é sempre posto como marco de uma nova vida para as elefantas:

Maia e Guida, as duas primeiras elefantas residentes do Santuário de Elefantes Brasil (SEB), completam em 11 de outubro dois anos de vida em sua nova casa. As “nossas meninas” – como são chamadas carinhosamente pelos tratadores, seguidores nas redes sociais e colaboradores – estão adaptadas e recuperadas dos traumas causados por décadas de exploração em espetáculos circenses. (Blaiss 2018:1)

- 33 O trecho dessa postagem, que marca dois anos da presença das elefantas no Santuário, segue com a reiteração da potência do espaço em gerar a expressão de comportamentos naturais e se opõe ao tipo de tratamento que anteriormente as elefantas eram permitidas expressar.

Na nova vida, já na primeira noite, **o silêncio imposto por antigos tratadores e pela falta de motivação foi substituído por diferentes formas de vocalização.** Desde então, Maia e Guida se expressam com trombeteios, bramidos, roncoss, chiados e sopros, entre os diferentes sons que caracterizam **a vocalização de elefantas que vivem na natureza.** (Blaiss, 2018, grifos adicionados)

- 34 Rana, foi a terceira elefanta a chegar ao Santuário, em dezembro de 2018. Ela tem idade estimada de 50 a 60 anos e pertenceu a diversos circos desde 1967, data de sua chegada ao Brasil. Em 2012, passou a habitar um Hotel Fazenda Zoológico cujo dono foi processado por maus tratos aos animais da fazenda. Na fazenda em questão ela habitava uma área de 1000m² sem árvores ou contato com outros elefantes. A oposição ao espaço do Santuário é visibilizada em postagens em que constam suas atuais circunstâncias: Rana ganhou companhia, mais espaço, alimentação adequada e cuidados veterinários que já estão fazendo a diferença em sua nova vida. (Santuário de Elefantes Brasil 2019a)

Imagem 3: elefantes no Santuário. Foto descrita como “Rana (centro) com Maia e Guida no habitat preparado pelo Santuário de Elefantes em MT”.

Fonte: Site SEB¹⁵

- 35 No ano seguinte à chegada de Rana, o Santuário articulou o que chamam de “resgate de Ramba”, em dezembro de 2019. A respeito de Ramba o Santuário enfatiza suas cicatrizes pelo corpo, seu não interesse em receber carinhos de humanos e o fato de ter sido o último elefante de circo no Chile. Segundo o SEB, Ramba “viveu a típica vida de um elefante de circo: intermináveis dias de viagem, transportada por um caminhão, presa a correntes e vivendo em processo de domesticação. Tudo para que ela pudesse entreter a multidão com truques bobos por 5 minutos.” (Motta 2019:1).
- 36 Em 1997 ela parou de se apresentar no circo, ainda assim permaneceu com problemas renais crônicos devido à ausência de água potável durante os anos de trabalho. Sua relação ambígua com os humanos é enfatizada em uma postagem do período em que o Santuário lançava campanhas de arrecadação para o resgate de Ramba: “tem inúmeras cicatrizes e antigos abscessos em seu corpo, feitos por correntes e bullhooks (ferramenta de madeira ou metal com gancho de aço na ponta, usada para ferir os elefantes a fim de que se submetam ao treinador)” e “Ramba é uma elefanta que, embora ame e aprecie a companhia humana, não anseia por ser tocada. Ela gosta da companhia, mas não gosta de ser acariciada como muitos outros elefantes gostam” (Santuário de Elefantes Brasil 2014a). Embora Ramba só tenha sido removida para o Santuário em 2019, há uma ênfase no contato entre Ramba e a equipe do SEB desde 2013. Em algumas postagens ela é caracterizada como “uma joia”, bem como sua rápida recuperação e interação com outras elefantas ao chegar no Santuário. Assim, se durante o processo de arrecadação são enfatizados sofrimento e traumas, o momento em que as elefantas chegam ao santuário são publicitados seus comportamentos que expressam sociabilidades, cura e certa noção de natural.
- 37 Dois meses após a chegada de Ramba o Santuário divulgou a chegada de Lady. A elefanta veio de um Parque Zoo Botânico na Paraíba. No processo de sua campanha a seguinte descrição de suas condições foi feita:
- Lady estava **frustrada** e se manifestava com atitudes, numa tentativa de desabafar. Ela estava acorrentada por uma das patas, em um local pequeno, onde pode dar somente alguns passos. Sua saúde estava comprometida devido à falta de cuidados veterinários em suas patas durante toda a sua vida (Santuário de Elefantes Brasil 2014c, grifo meu)
- 38 Em uma postagem em uma rede social as alterações em Lady são descritas, seis meses após a sua chegada: “já conseguimos observar muitas mudanças em seus olhos, em sua confiança, em seu espírito”¹⁶. Embora os elefantes na América do Sul sejam descritos pelo SEB a partir de uma história comum de domesticação violenta, trabalho forçado e décadas de vida em ambientes inadequados, eles são também descritos a partir de suas histórias individuais. Se no processo de campanhas para arrecadação de doação para transferência de indivíduos para o SEB é marcante a apresentação de seu sofrimento e seu histórico de exploração, posteriormente, com a introdução dos elefantes no Santuário, são marcados aspectos relacionados à recuperação e cura de experiências individuais de sofrimento.
- 39 Maia, Guida, Rana, Ramba e Lady são as elefantas que passaram pelo Santuário. O SEB mantém atualizações sobre outros elefantes em diversos locais da América do Sul, com campanhas de arrecadação frequentemente abertas para sua transferência para o SEB e adequação do ambiente para receber mais indivíduos. Não interessa aqui contrapor a perspectiva explicitada pelo Santuário a respeito das elefantas, mas sim evidenciar como essas biografias compõem e constroem as noções de resgate e a proteção de

elefantes no Brasil. A ideia que a princípio soa, no mínimo, incomum vai fazendo-se coerente a uma argumentação que tem na biografia de elefantes e na *expertise* da equipe uma base sólida. Levando em conta que o Santuário tem seus recursos financeiros providos apenas por doações, sustentar essa composição de histórias de vida não é apenas uma maneira de apresentar os trabalhos no SEB mas também uma forma de engajar mais pessoas por meio das campanhas de arrecadação.

O Santuário e você, campanhas de arrecadação

- 40 Ao compor para si uma narrativa que associa condições de sofrimento na vida de cativeiro de elefantes na América do Sul, a *expertise* de profissionais e aspectos das histórias de vida das elefantas, o Santuário de Elefantes Brasil alcança eficácia ao acrescentar outros agentes no SEB. Ao fim de cada postagem a mensagem sobre campanhas de doação é clara, e com frequência é direcionada a “você”. Assim, a articulação de informações tem também em vista um grupo de pessoas potencialmente doadoras. Ainda no processo de construção do Santuário, em uma campanha lançada em um site de financiamento coletivo tinha em sua descrição:

É hora de criarmos santuários para oferecer aos elefantes que estão em cativeiro uma segunda chance para terem uma vida que vale a pena viver. A hora é agora! Clique ao lado e colabore conosco para que possamos continuar salvando vidas! (KIKHANT, 2016)

Imagem 4. Foto da campanha de financiamento coletivo para a instalação do SEB.

Fonte: Site do SEB¹⁷

- 41 Nessa campanha os valores possíveis para doação variavam entre R\$25,00 e R\$30.000, a campanha em questão arrecadou R\$67.223,01. Ainda durante a construção do SEB, em novembro de 2015, a descrição de outra campanha no site incluía a imagem de um elefante correndo por um lago e a frase: Não basta dizermos que queremos uma vida melhor para os elefantes. É hora de criarmos uma para eles! As doações são a partir de R\$ 10,00 e toda forma de contribuição é válida para tornar nosso projeto real para os elefantes de cativeiro. (Santuário de Elefantes Brasil 2015).
- 42 Além das doações destinadas aos gastos para a construção do Santuário, muitas campanhas também foram feitas associada ao transporte das elefantas. Para o

descolamento de Maia e Guida, por exemplo, uma campanha em um site de financiamento coletivo descreveu: **“Para termos sucesso na campanha, é essencial contarmos com vozes como a sua!** Por isso, temos a honra de convidar você a participar da campanha e apoiar essa importante jornada de Maia e Guida, para que ela se torne realidade!” (Vakinha 2016). Por essa plataforma, a campanha arrecadou R\$43.155,70, em 576 doações em diferentes valores.

- 43 Após as chegadas das primeiras elefantas, as campanhas incluíam informações sobre o bem-estar de Maia e Guida no SEB associadas à necessidade de resgatar outros elefantes em risco. Um ano após a chegada de Maia e Guida, as informações sobre seu bem-estar eram seguidas da ênfase na necessidade de doações contínuas:

Hoje, 11 de outubro, Maia e Guida completam um ano no Santuário de Elefantes Brasil, depois de 4 décadas de trabalho em circos. Sua recuperação é notável, tanto física como psicologicamente. Hoje, elas podem explorar 18 hectares de natureza, mas seu espaço será continuamente ampliado. **Graças a seu contínuo apoio, em breve Ramba e outros elefantes que já estão aguardando poderão se juntar a elas!** (Santuário de elefantes 2017:1, grifo meu)

- 44 A mesma ênfase é observada no texto intitulado “Rana será a 3ª resgatada do Santuário de Elefantes no MT”, de autoria de Scott Blais – diretor do SEB. No topo do texto uma imagem de Rana ainda na Fazenda Boa Luz, era acompanhada da descrição em negrito **“Todos podem contribuir com a campanha online e ajudar no transporte de Rana até Chapada”**. (Santuário de Elefantes Brasil 2018)

Imagem 5: Rana na Fazenda Boa Luz, antes de ser deslocada para o SEB.

Fonte: Site SEB¹⁸

- 45 A comunicação aqui não é apenas direcionada a um público distante; o SEB tenciona comunicar-se com um sujeito “você” que é potencialmente um doador. No caso de Ramba, elefanta que foi tratada pelos especialistas do SEB por anos antes de chegar ao local, as informações sobre o estado de saúde de suas patas eram relacionadas a outros elefantes em cativeiro: **“Não queremos apenas contar sobre a Ramba, mas permitir também que você relacione isso aos muitos elefantes em cativeiro que estão sofrendo com esse problema,** muitos de modo muito pior e alguns, finalmente, morrendo por causa disso.” (Santuário de Elefantes Brasil 2014b). A gravidade da

situação em que viviam as elefantas que são deslocadas para o SEB é usada na argumentação do risco que correm outros elefantes em cativeiro na América do Sul.

- 46 As campanhas de arrecadação não se limitam a estímulos para doações que promovam a transferência de elefantes para o SEB, mas também para a manutenção do local e do tratamento contínuo das elefantas. Tais doações podem incluir um número variado de elementos de uma *wish-list* disponível no site Loja de Elefantes Brasil. Estão entre itens financiáveis: alecrim; alfazema medicinal; calêndula; aveia; camomila; cereal ; cleavers, cramberrys; farelo de arroz; feno; ferramentas para as patas; licorice; melado de cana; pasta de amendoim; probiótico organew; regenerador articular; suplemento vitamínico e vinagre de maçã¹⁹. Os itens variam entre R\$22,00 e R\$320,00; além de imagens e descrição de cada um, há também uma explicação da maneira que são usados para escalda pés, tratamentos musculares e alimentação.
- 47 A página possui também disponíveis itens em uma categoria “Doe e Ganhe”, cuja descrição é:
- Já imaginou poder fazer uma **doação** para ajudar a mudar a vida dos elefantes cativos na América do Sul e, ao mesmo tempo, receber uma recompensa por isso? Doando os valores especificados para o Santuário de Elefantes Brasil, você **ganhará** um lindo produto com os elefantes mais queridos do Brasil. **Faça parte dessa manada!**²⁰
- 48 Novamente a ênfase está em engajamentos via doação que tem por justificativa a transformação na vida de elefantes da América do Sul. Havaianas com quatro diferentes imagens de elefantes; garrafinhas térmicas; canudos reutilizáveis, de vidro e inox, camisetas com os nomes das elefantas do Santuário são agentes na produção dessas composições. Assim associam-se às elefantas e pessoas que nunca chegaram a visitar o santuário, mas são nomeadas como membros da própria manada.
- 49 Diferente do contexto descrito por alguns pesquisadores interessados na relação entre pessoas e elefantes (Kreger & Mench, 1995; Gurusamay 2015; Woods 2002), no SEB a presença de visitantes não faz parte dos objetivos do projeto e não é permitida. No contexto do Santuário não é possível determinar, portanto, se o contato com os elefantes demonstra maior suscetibilidade a doações, como indica a pesquisa de Swanagan (Swanagan in Davey 2015); no entanto, o trabalho do SEB indica novas maneiras de conectar um público potencialmente doador aos elefantes, ainda que não seja a partir de uma proximidade física com elefantes. É o caso das narrativas particulares sobre hábitos das elefantas e da descrição minuciosa sobre preferências e personalidades de cada uma delas, detalhes conhecidos por quem convive diariamente com as elefantas e divulgados para os demais participantes da manada.

Grafias da vida e grafias da morte, a criação do resgate e da proteção de elefantes no Brasil

- 50 Desde a criação do SEB, as informações disponibilizadas sobre os elefantes não se restringem apenas àqueles que já estão no SEB, mas a diversos elefantes que se encontram na América do Sul e para os quais há planos de resgatá-los para o SEB. Ao longo dos anos, alguns deles morreram antes de chegar a “sua nova vida”. Tais informações são descritas de modo a aumentar a urgência pelo resgate de elefantes que continuam vivos na América do Sul.

- 51 Em 2018, por exemplo, a elefanta Pelusa seria transferida da Argentina para o SEB mas ela morreu pouco antes de seu deslocamento. A publicação do SEB a esse respeito dá ênfase às fases de preparo já realizadas e à tristeza associada a sua morte:

Abril, maio e junho foram dedicados aos preparativos para o resgate de Pelusa que acabou não resistindo à espera. A diretora de Bem-Estar Animal do SEB, Kat Blaiss, passou 5 dias na Argentina, orientando as tratadoras e definindo qual seria o melhor tratamento. Estava tudo pronto, caixa de transporte já finalizada, despesas pagas e licenças de importação e exportação solicitadas sob análise dos órgãos competentes. Para viajar até o Santuário, Pelusa precisava se fortalecer. **Ela aumentou o peso e estava no caminho certo para ganhar uma nova vida quando, infelizmente, não resistiu. Luto e tristeza para colaboradores, doadores e seguidores do SEB.** (Santuário de Elefantes Brasil 2019)

- 52 Foram também divulgadas as mortes de Ruberta, uma elefanta de um zoológico na Venezuela, cuja morte foi associada à falta de alimentos; Merry, na Argentina e Babu no Zoológico de Brasília. Em 2019, foi divulgada a morte de Teresita, do zoológico de São Paulo. Sobre o caso, o Santuário escreveu uma nota de pesar, e chama a atenção o aspecto fúnebre com os quais expõe o parecer:

É com grande tristeza que compartilhamos a notícia do falecimento de Teresita, a única aliá africana que vivia solitária no Zoológico de São Paulo. Esta notícia chegando apenas algumas semanas após o falecimento de Merry na **Argentina é um lembrete do papel do santuário:** proporcionar mudanças positivas e bem-estar aos animais de maneira efetiva. (Santuário de Elefantes Brasil 2019)

- 53 Quer em vida ou quando morrem, as informações sobre elefantes são sempre articuladas de modo a sustentar a necessidade de atuação do Santuário. A mesma nota inclui também a noção de que melhorar as condições de vida de elefantes é uma responsabilidade compartilhada: A responsabilidade é de todos nós: “Nossa sociedade continua a apoiar e endossar a vida que esses animais são forçados a suportar.” (Santuário de Elefantes Brasil 2019)

- 54 Três das cinco elefantas que passaram pelo Santuário permanecem vivas. Guida e Ramba faleceram pouco depois de chegar ao espaço. Sobre a morte de Guida, na nota do Santuário há um comentário de seu diretor:

Tragicamente, os danos cumulativos causados pela negligência implícita do cativeiro pode criar impactos devastadores e inesperados na vida dos elefantes. Quando Guida chegou ao Santuário estava abaixo do peso esperado para sua compleição física e perda num transe de reações repetitivas estereotipadas. Começamos a perceber sua transformação logo após algumas horas de sua chegada ao Santuário. Sua felicidade era incontestável”. (Santuário de Elefantes Brasil 2020)

- 55 A morte inesperada associada à negligência nos anos de cativeiro é contraposta à felicidade inquestionável de seu tempo de vida no Santuário. O mesmo é notório no texto intitulado “Ramba em seu descanso final”. O Santuário notifica a morte de Ramba e descreve seus últimos momentos de vida, a aproximação de outras elefantas após sua morte, a necropsia e o espaço em que foi enterrada. Nessa descrição, a ênfase está na maneira com que foi permitido um contato das elefantas com o corpo de Ramba, o que também foi caracterizado como um processo natural:

Embora nunca possamos replicar sua vida natural, tentamos fornecer uma que imite alguns dos aspectos mais essenciais. Isso inclui dizer adeus aos seus amigos que já faleceram, ter tempo para processar e permitir que eles visitem onde estão enterrados. Tudo faz parte de ser um elefante, um melhor amigo e um membro amoroso do rebanho.

- 56 Viver de maneira natural também inclui morrer de maneira natural, é a argumentação do SEB. Em outro lugar há a afirmação: “esse processo não é fácil para ninguém, mas para nós, faz parte da nossa promessa cuidar deles do começo ao fim” (Santuário de Elefantes Brasil 2019). A questão da morte parece menos centrada em sua causa e mais na maneira de lidar com o próprio luto, algo que atinge humanos e elefantes. O SEB reafirma, com a morte de elefantes em cativeiro, a urgência de resgatá-los antes de sua morte, para que possam viver (e morrer) como elefantes na natureza; e, com o luto de elefantes do SEB, confirma seu compromisso de cuidar de elefantes, seus túmulos e cerimônias fúnebres.
- 57 O luto, como mais uma característica compartilhada entre elefantes e humanos, também é explícito na nota que notifica a morte de Ramba: “A morte é algo que todos nós processamos de maneiras muito diferentes [...] criamos esta página para discutir o que acontece depois que um elefante morre.”. Nesse e em outros contextos o Santuário desenvolve descrições a partir de características compartilhadas entre humanos e elefantes já descritos em pesquisas científicas de etologia. Os comportamentos de elefantes associados a momentos fúnebres incluem estar próximos ao corpo por longas horas e tocar com a tromba os ossos de elefantes mortos há tempos (GOLDENBER, WITTEMYER, 2020). Ainda que o corpo não tenha se mantido sobre o solo até sua completa putrefação e posterior exposição dos ossos, a narrativa do Santuário evidencia o comportamento de elefantes diante da morte de um ente da manada. Mostra também a morte como algo que implica em sensibilidade tanto para humanos quanto para elefantes.
- 58 Por fim, é também com a morte que se reafirmam os atributos individuais de personalidade, características e preferências. Tais atributos ficam ainda mais explícitos em falas que ressaltam as características de Guida e Ramba nas afirmações finais da instituição sobre elas: Maia precisará de tempo para se adaptar e não há dúvida de que ela e todos **nós carregaremos**, bem dentro dos nossos corações, **a alegria pura e plena que Guida dividiu com todos os que tiveram a chance de conhecê-la**. (Santuário de Elefantes Brasil : 2019: 1. Grifos adicionados) “Todos” nesse caso, é um coletivo que inclui humanos e outras espécies. Mais que isso, faz participante de um momento de luto aqueles humanos que, embora não tenham tido proximidade com Guida, “fizeram parte da manada” através de suas doações. Na descrição do SEB, as cerimônias de luto entre elefantes não se encerram com a morte e sepultamento:

Feno, palmeiras e outras guloseimas serão deixadas periodicamente no túmulo de Ramba, assim como fazemos com o de Guida. É difícil passar por aqui e não dizer olá e deixar uma coisinha. Afinal, sabemos que suas irmãs vão parar e saborear um lanche enquanto visitam. Ramba e Guida não estão enterradas uma perto da outra; **cada uma está em um lugar que significava algo para elas**, uma que sua melhor amiga provavelmente visitará novamente. (Santuário de Elefantes Brasil 2020).

- 59 Embora todo o argumento do SEB o estabeleça enquanto um espaço de proteção e de exposição dos comportamentos naturais de elefantes, são nas histórias individuais de vida que se justifica a necessidade de existência do SEB e de doações que permitam cuidados que curem as memórias sofridas dos elefantes. Em outras palavras, o SEB se situa entre a dualidade do inato (ser elefante) e o adquirido (a domesticidade forçada), compondo com variadas noções de “natureza” no estabelecimento de sua comunicação com um público potencialmente doador.

Considerações finais

- 60 Como na produção da antropologia, que ao descrever sobre seus interlocutores evidencia suas próprias noções (Wagner: 2010), também o SEB ao falar sobre elefantes explicita suas noções de natureza. Nessas noções diversos elefantes da América do Sul estão em risco por não possuírem um espaço em que possam expressar seus comportamentos naturais. A complexidade e os arranjos dessa narrativa emergem entre menções às memórias de maus tratos e nas cicatrizes nas peles ou nos comportamentos das elefantas. Nos relatos sobre suas práticas evidencia-se o esforço para que elefantas sintam-se confortáveis para expressar comportamentos naturais. Opondo-se aos zoológicos ou às baias circenses, o SEB apresenta-se como esse espaço em que elefantes possam curar-se dos traumas físicos e emocionais de seu passado, não só pela possibilidade de caminhadas, banhos e alimentação adequada, mas também por possuírem uma equipe que conhece tanto sua etologia quanto suas histórias individuais.
- 61 Para além dessa relação entre pessoas e elefantes no SEB, outras pessoas são chamadas para a manada, as doações são insistentemente incentivadas nos portais virtuais de acesso ao SEB, único meio de potenciais doadores estarem próximos e saberem sobre as histórias de vida das elefantas do SEB e das que, como abordam, aguardam resgate na América do Sul. Desse modo práticas do SEB sustentam-se nas relações entre pessoas e elefantes, sejam aquelas responsáveis pelo contato cotidiano com elefantes, mas também aquelas doadoras. Assim, mesmo a morte e o luto aparecem como um processo natural e a vida no Santuário se estabelece como uma esperança para os elefantes que estão em cativeiro. O SEB, ao criar um espaço para cuidar de memórias e histórias de vida marcadas no corpo, cria noções de resgate e proteção de elefantes no Brasil.
-

BIBLIOGRAFIA

- BIYELA N.G. 2014. Animal Metaphors Representing Human Images: A CaseStudy on King Shaka, the Founder of the Zulu Nation in South Africa, *The Anthropologist*, 18:2, 639-646. DOI: 10.1080/09720073.2014.11891582
- BROSNAN, S.F. 2006. Nonhuman species reactions to inequity and their implications for fairness. *Soc Just Research* 19(2), 153-185 . <https://doi.org/10.1007/PL00022136>
- CLUCAS, Barbara; MCHUGH Katherine; CARO, Tim. 2013. F. *Applied Ecology and Environmental Sciences*. Vol. 1 No. 1, 1-6.. DOI: 10.12691/aees-1-1-1.
- CREADO, Eliana & CRIZIO, Clara & Lukas TRINDADE DE FREITAS, Pedro. 2015. Ambientalismo, tecnociência e espécies emblemáticas: algumas reflexões a partir de elefantes africanos, tartarugas marinhas e seus porta-vozes. In: *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais*. 1ª. ed. Curitiba-PR; São Carlos - SP: Editora UFPR; EdUFSCar, v. 1, pp. 308-341
-

CREADO, Eliana. Tão perto e tão longe: conservação, proteção e manejo de elefantes na África do Sul e em Moçambique . Inédito

CRIZIO, Clara. 2013. Discutindo fronteiras na produção científica sobre elefantes africanos: Uma análise do discurso e da agência científica a partir do Conservation Ecology Research Unit (CERU) – Universidade de Pretoria, África do Sul. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória -ES

CRIZIO, C. DE A.; CREADO, E. S. J.; CAMPOS, A. C.; DE FREITAS, P. L. T. 2017. Repertório em Rede: O caso da mobilização de duas espécies de tartarugas marinhas em uma Ação Civil Pública . Vivência: Revista de Antropologia, v. 1, n. 49, p. 75-96, 9.

DAVEY, Gareth. 2015. Visitor behavior in zoos: A review, *Anthrozoös*, 19:2, 143-157. DOI: 10.2752/089279306785593838

DEACON, W. Terrence. 1997. What Makes the Human Brain Different? *Annual Review of Anthropology*. 6:1, 337-357.

EVANS-PRITCHARD, Edward. E. 2007 [1940]. Os Nuer. São Paulo: Ed. Perspectiva [Prefácio e Introdução].

GAMBLE, C. 2015. The anthropology of deep history. *J R Anthropol Inst*, 21: 147-164. DOI: 10.1111/1467-9655.12140

GEERTZ, Clifford. 2008. Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galo Balinesa. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC.

GILLESPIE, Kathryn & COLLARD, Rosemary-Claire Collard (Editors). 2015. *Critical Animal Geographies: Politics, Intersections and Hierarchies in a Multispecies World*. New York: Routledge.

GOLDENBER, S.Z., WITTEMYER, G. Elephant. 2020. behavior toward the dead: A review and insights from field observations. *Primates* 61, 119-128. <https://doi.org/10.1007/s10329-019-00766-5>

GURUSAMY, Vivek ET AL. 2015. Phillips blic Attitudes in India and Australia toward Elephants in Zoos, *Anthrozoös*, 28:1, 87-100. DOI: 10.2752/089279315X14129350722055

HARAWAY, Donna. 2003. « Anthropocène, Capitalocène, Plantationocène, Chthulucène. Faire des parents », *Multitudes*, vol. no 65, no. 4, pp. 75-81. 2016. HARAWAY, Donna Jeanne. *The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press. 100 p. ISBN 0-9717575-8-5.

HOSEY ET AL. 2018. Measuring the Strength of Human–Animal Bonds in Zoos, *Anthrozoös*, 31:3, 273-281.

2018. DOI:10.1080/08927936.2018.1455448

..... 2003. *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Others*. Chicago: Prickly Paradigm.

INGOLD, Tim. 1995. Humanidade e animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28, year 10: 39-54. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_05>http://www.scielo.br/s_cielo.php?script=sci_nlinks&ref=000130&pid=S1809-4341201400020001400025&lng=en. Acesso em: janeiro de 2018.

KREGER, Michael D; MENCH, Joy . 1995. Visitor—Animal Interactions at the Zoo, *Anthrozoös*, 8:3, 143-158. DOI: 10.2752/089279395787156301

- KIRKSEY, S. E. and HELMREICH, S. 2010. THE EMERGENCE OF MULTISPECIES ETHNOGRAPHY. *Cultural Anthropology*, 25: 545-576. doi:10.1111/j.1548-1360.2010.01069.x
- KOFES, Suely. 2015. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser? In: Suely Kofes & Daniela Manica (org). *Vidas & Grafias. Narrativas antropológicas: entre biografia e etnografia*. RJ: Ed. Lamparina/Faperj.
- KOHN, Eduardo. 2013. *How forests think: toward an anthropology beyond the human*. Berkeley: University of California Press, 267 p.
- KULICK, Don. 2017. Human-Animal Communication. *Annual Review of Anthropology*. Vol. 46:357-378 <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-102116-041723>
- LATOUR, Bruno. 1994. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução: Carlos Irine Costa. _ Rio de Janeiro: Ed.34 ColeçãoTRANS.
- _____. 2011. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP.
- _____. 2001. *A Esperança de Pandora*. Bauru: Edusc.
- _____. 2014. Another way to compose the common world, *Hau: Journal of Ethnographic Theory* 4 (1): 301-307. DOI: <https://doi.org/10.14318/hau4.1.016>
- LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. 1997. *A vida de laboratório: a produção de fatos científicos*. Rio de Janeiro: RelumeDumara.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970. A ciência do concreto. In: *O pensamento selvagem*. São Paulo, Companhia Ed. Nacional.
- LOCKE, Piers. 2017. "Elephants as persons, affective apprenticeship, and fieldwork with nonhuman informants in Nepal," *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 7, no. 1 (Spring 2017): 353-376. 2017 <https://doi.org/10.14318/hau7.1.024>
- MAUST-MOHL Maria ET AL 2012. Wild Minds: What People Think about Animal Thinking, *Anthrozoös*, 25:2, 133-147. DOI: 10.2752/175303712X13316289505224
- MOLLY Mullin, 1999. "Mirrors and Windows: Sociocultural Studies of Human-Animal Relationships." *Annual Review of Anthropology*, vol. 28, pp. 201-224. JSTOR, www.jstor.org/stable/223393.
- MARRAS, Stelio. 2013. Recintos de Laboratório, Evolução Darwiniana e Magia da Obliteração – Reflexões em Antropologia da Ciência e da Modernidade. *ILHA* v. 15, n.1, p. 7-33, jan./jun.
- _____. 2014. Virada animal, virada humana: outro pacto. *Sci. stud.* [online]. vol.12, n.2, pp.215-260. ISSN 1678-3166. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662014000200002>
- NANCE, Susan. 2015. Conclusion: From Jumbo to Knut. In: *Animal Modernity: Jumbo the Elephants and the Human Dilemma*. Palgrave Macmillan, London.
- RIBEIRO, Magda Santos. 2013. Por uma biografia das coisas: a vida social da marca Havaianas e a invenção da brasilidade. *Etnográfica*, vol.17(2).
- SAHLINS, Marshall. 2003. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SALES, Daniela; DE MARIA, Gláucia Santos; SANTOS, Thiago. 2016. org. Dossiê Humanos e Não humanos. REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas/Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE. Volume Especial 1(2).

- SÁ, Guilherme. 2012. Outra espécie de companhia: Intersubjetividade entre primatólogos e primatas. *Antropológico* [Online], II | . DOI: 10.4000/aa.180. Posto online no dia 01 de outubro de 2012,. Disponível em <<http://aa.revues.org/180>>; Acesso em 01 de julho de 2015.
- SALES, Daniela; DE MARIA, Gláucia Santos; SANTOS, Thiago. 2016. org. Dossiê Humanos e Não humanos. REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas/Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE. Volume Especial 1(2).
- SILVA, Suelen de Aguiar. 2015. Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.*, São Paulo , v. 38, n. 2, p. 339-342, Dec . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442015000200339&lng=en&nrm=iso>. access on 01 Mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/1809-58442015217>.
- NANCE, Susan.2015. Conclusion: From Jumbo to Knut. In: *Animal Modernity: Jumbo the Elephants and the Human Dilemma*. Palgrave Macmillan, London.
- STENGERS, Isabelle. 2002. A invenção das ciências modernas. São Paulo: Editora 34..
- STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico e outros ensaios. Ferrari, Florencia. Dulley Iracema; Pinheiro, Jamille; Valentini, Luísa. São Paulo: Cosac Naify, 2014. 576p
- SUSSEKIND, Felipe. 2012. A onça-pintada e o gado branco. *Anuário Antropológico* [online], II 2012. posto online no dia 01 de outubro 2013, Disponível em:< <http://aa.revues.org/170>>; DOI: 10.4000/aa.170. Acesso em 01 de julho de 2015. TADDEI, Renzo. Meteorologistas e Profetas da Chuva: conhecimentos, práticas e políticas da atmosfera (Prefácio e Introdução). 2017.
- TSING Anna. 2012. Unruly Edges: Mushrooms as Companion Species. *Environmental Humanities*, volume 1 :141-54. *Environmental Humanities*. .
- VELDEN, Felipe Ferreira Vander. 2012. Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana. São Paulo: Alameda, 357 pp
- VERNAL, J et al org. 2015. Dossiê: Animais não humanos: um olhar contemporâneo. *Interthesis: Revista Internacional Interdisciplinar*. 12, n. 1 .
- VIGLIO, José Eduardo; FERREIRA, Lúcia da Costa. 2013. O conceito de ecossistema, a ideia de equilíbrio e o movimento ambientalista. *Caderno eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v. 1, n. 1, p. 1-17Disponível em:< <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5655916.pdf>>Acesso em 10 de agosto de 2017.
- WAGNER, Roy. 2010. A invenção da cultura. São Paulo,. Cosac Naify. 256 p.
- WOODS, Barbara. Good zoo/bad zoo: Visitor experiences in captive settings, *Anthrozoös*,15:4, 343-360, 2002. DOI: 10.2752/089279302786992478

Material de consulta

- BLAISS, Kait. Maia e Guida estão recuperadas e felizes após 2 anos no Santuário. 2018.
- GOVERNO DO MATO GROSSO. SEMA licencia primeiro santuário de elefantes da América Latina. 2016. Disponível em: <http://www.mt.gov.br/-/4923432-sema-licencia-primeiro-santuario-de-elefantes-da-america-latina>
- Motta, Lana. Para sempre Guida. Publicado no site do SEB. Disponível em: <http://santuariodeelefantes.org.br/para-sempre-guida/>. Último acesso em março de 2020
- MOTTA, LANA. 2019. RANA GANHA VIDA NOVA NO SANTUÁRIO DE ELEFANTES EM M. . Post no site do SEB. Disponível em: <http://santuariodeelefantes.org.br/rana-ganha-vida-nova/>. Último acesso em março de 2020

SITE SANTUÁRIO DE ELEFANTES BRASIL. Quem somos. S.d1. Disponível em: <http://santuariodeelefantes.org.br/quem-somos/>. Último acesso em março de 2020.

_____. O Santuário. S.d2. Disponível em: <http://santuariodeelefantes.org.br/o-santuario/>. Último acesso em março de 2020.

_____. Objetivos. sd3. Disponível em: <http://santuariodeelefantes.org.br/objetivos/>. Último acesso em março de 2020.

_____ Residentes do SEB. sd 4. Disponível em: [://elefantesbrasil.org.br/residentes-do-seb/](http://elefantesbrasil.org.br/residentes-do-seb/). Acesso em março de 2019

_____. 2018. Maia e Guida estão recuperadas e felizes após 2 anos no Santuário. Disponível em: [//elefantesbrasil.org.br/?s=maia+e+guida](http://elefantesbrasil.org.br/?s=maia+e+guida). Último acesso em 28 de maio de 2021.

_____. CAMPANHA DE FINANCIAMENTO COLETIVO. 2015. DISPONÍVEL EM: <http://santuariodeelefantes.org.br/campanha/>; último acesso em março 2020.

_____. LADY. <http://santuariodeelefantes.org.br/?s=lady>. Último acesso em março de 2020.

_____. 2016 a. Missão. Disponível em: <http://santuariodeelefantes.org.br/missao/>. Último acesso em 26 de março de 2020.

_____. 2014a. A história da elefanta Ramba. Disponível em <http://santuariodeelefantes.org.br/historia-da-elefanta-ramba/>. Último acesso em março de 2019.

_____. 2014b. As patas de Ramba – e como elas se relacionam com outros elefantes de cativeiro”. Disponível em : <http://santuariodeelefantes.org.br/patas-de-ramba-e-como-elas-se-relacionam-com-de-outros-elefantes-em-cativeiro/>. Último acesso em março de 2020.

_____. 2017. Maia e Guida completam um ano no Santuário de Elefantes Brasil. Disponível em <http://santuariodeelefantes.org.br/2067-2/>. Último acesso em março de 2020.

_____. RANA SERÁ A 3ª RESGATADA DO SANTUÁRIO DE ELEFANTES EM MT. 2018. DISPONÍVEL EM: <http://santuariodeelefantes.org.br/rana-3a-resgatada-do-santuario/>. Última visualização em março de 2020.

_____. SANTUÁRIO VIVE 4 CICLOS DE LUTO E CELEBRA VINDA DE RANA EM 2018. 2019. DISPONÍVEL EM <http://santuariodeelefantes.org.br/santuario-vive-4-momentos-de-luto-e-celebra-vinda-de-rana/>. Última visualização em março de 2020.

_____. Ramba: Ramba no seu descanso final. 2020. Disponível em: <http://santuariodeelefantes.org.br/ramba/>. Última visualização em março de 2020.

Campanha Kickante: Santuário de Elefantes Brasil - Vamos Construir uma Nova Casa para os Elefantes! Disponível em: <https://www.kickante.com.br/campanhas/santuario-de-elefantes-brasil>

SEB.

Campanha Vakinha: “A Jornada de Maia e Guida ID da vaquinha: 74286”. Disponível em: <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/elefantes>. Último acesso em março de 2020.

NOTAS

1. Uma versão dessa discussão foi debatida 44º Encontro Anual da ANPOCS. Agradeço às participantes do “GT34 - Relações humano-animais: passado, presente e futuros possíveis” pelas contribuições.
2. Todos os dados constam referenciados na sessão “Material de consulta”.
3. Ao longo desse artigo desenvolvo reflexões que tem como origem a exposição do SEB em seu site e em sites de financiamento coletivo
4. Informação disponível em ://elefantesbrasil.org.br/missao/. Último acesso em 28 de maio de 2021.
5. Até o momento da escrita do artigo, o SEB recebeu unicamente fêmeas. Assim, em certos lugares do texto uso o termo no feminino para marcar essa característica.
6. As postagens em suas redes sociais são diárias. Embora elas não sejam abordadas aqui, seguem muitas das mesmas noções expostas ao longo desse artigo.
7. Embora a etnografia seja uma área crescente (SILVA, 2015), a intenção aqui não é realizar uma pesquisa etnográfica on-line. A associação de informações que compõe esse artigo faz parte de um estudo preliminar ao trabalho de campo no SEB. A pesquisa em questão é intitulada “O comportamento natural produzido por cientistas: etnografia de santuário de elefantes no Brasil e em Moçambique” e conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
8. Material acessado a partir de comunicação pessoal.
9. Embora tenha sido oficialmente formulado em 2013, apenas em 2016 foi inaugurado.
10. Ver imagens 1 e 2, por exemplo.
11. Autoria não identificada. Disponível em: //elefantesbrasil.org.br/?s=lady. Último acesso em 28 de maio de 2021
12. Autoria da imagem não identificada. Disponível em: //elefantesbrasil.org.br/o-santuario/. Último acesso em 28 de maio de 2021.
13. Projeto que propõe a criação de Santuários de elefantes em diversos continentes. Ver: <https://globalelephants.org/>
14. Informações disponíveis em: //elefantesbrasil.org.br/quem-somos/. Último acesso em 28 de maio de 2021.
15. Autoria da imagem não identificada. Disponível em: //elefantesbrasil.org.br/rana-ganha-vida-nova/. Último acesso em 28 de maio de 2021.
16. Postagem no Instagram em janeiro de 2020, seis semanas após a chegada de Lady no SEB.
17. Autoria da imagem não identificada. Disponível em: //www.kickante.com.br/campanhas/santuário-de-elefantes-brasil. Último acesso em 28 de maio de 2021.
18. Autoria da imagem não identificada. Disponível em: //elefantesbrasil.org.br/rana-3a-resgatada-do-santuário/. Último acesso em 18 de maio de 2021.
19. Informação disponível em: //lojaelefantesbrasil.com. Último acesso em 28 de maio de 2021.
20. Disponível em: <http://lojaelefantesbrasil.com/>. Última visualização em março de 2020.

RESUMOS

O Santuário de Elefantes Brasil é uma instituição destinada a receber elefantes que passaram suas vidas em circos e zoológicos. O espaço, fundado em 2013, opera unicamente por meio de doações que são incentivadas no site da instituição, principal portal de acesso ao Santuário - uma vez que não é um espaço aberto à visitação. A narrativa do Santuário sobre sua origem é marcada pela necessidade de proteção de elefantes que passaram suas vidas em precárias condições em circos e zoológicos da América Latina; desse modo, a história do Santuário é produzida em composição com as memórias dos elefantes. Esse artigo propõe pensar em como a biografia de Maia, Guida, Rana, Ramba e Lady (elefantas do Santuário) se associam à biografia da própria instituição. O argumento aqui é que esse inter cruzamento coloca em relação a expertise do SEB, os elefantes e também um público potencialmente doador que, nos termos do SEB, é estimulado a ser parte da “manada”. Sobretudo, essa reflexão evidencia como o SEB compõe narrativas a partir de específicas noções de natureza, proteção e resgate de elefantes no Brasil.

The Santuário de Elefantes Brasil is an institution designed to receive elephants that have spent their lives in circuses and zoos. The space, founded in 2013, is maintained through donations that are encouraged on the institution's website, that are the main access to the Sanctuary narratives - since the space it is not open to visitors. The Sanctuary's narrative about its origin includes the need to protect elephants who spent their lives in precarious conditions in circuses and zoos in Latin America, thus the history of the Sanctuary is produced in composition with the memories of elephants. This article proposes to think about how the biography of Maia, Guida, Rana, Ramba and Lady (elephants of the Sanctuary) are associated with the biography of the Institution itself. The argument here is that this interconnection puts in relation: the expertise of the SEB, the elephants and also potential donors that, in SEB's own terms, are encouraged to be part of the “herd”. Above all this reflection shows how SEB composes narratives based on specific notions of nature, protection and rescue of elephants in Brazil.

ÍNDICE

Palavras-chave: santuário de elefantes brasil, memória, biografia, animais em cativeiro, humanos e não humanos

Keywords: elephant sanctuary brazil, memory, biography, captive animals, human and non-human

AUTOR

ANA CECÍLIA OLIVEIRA CAMPOS

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos. Compõe o Laboratório de Experimentações Etnográficas (LE-E).

E-mail: a.cecilia.oc@gmail.com

ORCID: 0000-0003-4058-2482